

Relações textuais geradas pelo operador argumentativo *mas* em textos de teor opinativo

Aparecida Feola Sella

Colegiado do Mestrado em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Rua Pernambuco, 49, 80810-020, Centro, Cascavel, Paraná, Brasil. e-mail: afsella1@yahoo.com.br

RESUMO. Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre o uso da conjunção *mas*, tomando-se como base estudos realizados por Ducrot (1984) e Schiffrin (1987). Consideram-se as relações adjacentes às estruturas mais diretamente tecidas por essa conjunção, especialmente em textos de teor opinativo. Para o presente trabalho, foi selecionado o texto *Muita informação, pouco conhecimento*, divulgado no Jornal *Observatório da Imprensa*. Este texto, a exemplo de tantos outros, abarca usos recorrentes do *mas* não previstos tradicionalmente, já que concretizam atos ligados a asserções, as quais estão inseridas em determinados pontos da cadeia textual. Refere-se, aqui, mais propriamente, ao movimento argumentativo estabelecido pelo conector diante de enunciados vizinhos, tanto os anteriormente apresentados quanto os inseridos na seqüência.

Palavras-chave: *mas*, polifonia, textualidade, argumentação.

ABSTRACT. Textual relations generated by the argumentative operator “but” in opinion texts. This article shows the results of a research on the use of the conjunction “but”, based on studies carried out by Ducrot (1984) and Schiffrin (1987). The relations adjacent to the more direct structures built by this conjunction, especially in opinion texts, are considered in this study. The text “*Muita informação, pouco conhecimento*”, published in the “*Observatório da Imprensa*” newspaper, was selected for the present work. This text, like many others, includes recurrent uses of “but” not traditionally predicted, since they are used for acts linked to assertions, which are inserted in certain points of the textual chain. It is referred here, more properly, to the argumentative movement established by the connector in face of the nearby utterances, both those previously presented and those inserted in the follow-up.

Key words: but, polyphony, textuality, argumentation.

Introdução

Apresenta-se, neste artigo, o relato de uma pesquisa sobre o movimento polifônico estabelecido em enunciados construídos com a conjunção *mas*. O objetivo é verificar o papel semântico desse conector, a partir de critérios propostos por Ducrot (1984) e por Schiffrin (1987). Procurou-se mostrar que as funções do *mas* estão associadas a questões estruturais que geralmente transcendem o espaço da frase como unidade de análise. Registra-se, mais propriamente, parte da pesquisa sobre o funcionamento do *mas* em duas perspectivas: ora no direcionamento de argumentos promovidos como suficientes para que se garanta determinada conclusão; ora no processo de monitoramento de ressalvas.

Para que se possam demonstrar essas funções,

utilizaram-se recortes retirados do *Jornal Observatório da Imprensa*, o qual se intitula uma espécie de fórum permanente no qual usuários podem manifestar-se ativamente. No jornal nº 231, de 1º/7/2003, está disposto o texto *Tecnocracia ou democracia?*, de autoria de Cláudio Cordovil. Em nota de rodapé, o autor apresenta-se brevemente, e indica o texto *Muita informação, pouco conhecimento* (publicado em 17/6/2003, sob nº 229), também de sua autoria, o qual serve de suporte para os argumentos pretendidos.

Em *Tecnocracia ou democracia?*, recorre-se ao anúncio do presidente Lula sobre o estudo para a liberação dos transgênicos. No texto em tela, impera a não aceitação da liberação dos transgênicos: este é o ponto de vista assumido no decorrer de todo o processo de referência a textos interligados, o que se torna visível numa seqüência cronológica, disponível

no site do jornal (<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>). Enfatiza-se, aqui, a polêmica levantada pelo próprio jornalista, diretamente voltada para o seguinte enunciado, emitido pelo presidente: “o estudo para a liberação dos transgênicos será amparado em um debate sereno e científico sobre o assunto”.

Interessa para o presente trabalho a avaliação do comportamento do *mas* como elemento que tece as posições que vão sendo assumidas pelo locutor, porém de forma mais explícita no texto *Muita informação, pouco conhecimento*. Neste, em particular, observa-se uma recorrência ao *mas* em momentos evidentes de apresentação de pontos de vista.

Para que a orientação da análise aqui proposta não pareça um resgate equivocado das proposições de Ducrot (1984), é preciso alertar que foram avaliados os movimentos estabelecidos pelo locutor (ser do universo do enunciado) que coloca em cena enunciadores (pontos de vista alocados pelo locutor, que se mostram úteis para os intentos argumentativos). Portanto, a análise processa-se com um olhar voltado para o universo do sentido do enunciado, porém avança tal limite quando considera estruturas que ladeiam as conexões mais diretamente tecidas pelo *mas*.

O *mas* como orientador argumentativo

Em trabalhos desenvolvidos no interior da Semântica Argumentativa, tal qual proposta por Ducrot, as funções do *mas* estão atreladas praticamente ao papel polifônico que certas estruturas podem acomodar.

É preciso lembrar que os enunciadores, segundo Ducrot, são seres considerados “como se expressando através da enunciação, sem que para tanto lhe atribuam palavras precisas” (Ducrot, 1984, p. 192). Nesse sentido, expressa-se, por meio do enunciado, o ponto de vista do enunciador, sua atitude, ou seja, o enunciador pertence à imagem que o enunciado dá da enunciação.

O locutor acomoda os pontos de vista e as atitudes oriundas de determinados enunciadores. Ducrot (1984) observa, por meio de enunciados irônicos, por exemplo, que o locutor não precisa necessariamente concordar com um dos pontos de vista expressos em seu enunciado. Contudo, a regra geral, principalmente com enunciados com o *mas*, é a de uma dada assimilação, haja vista pontos de vista contrários acionados.

Guimarães (1987) entende que, nas estruturas com o *mas*, não há um nivelamento entre o conteúdo das orações, mas sim a predominância da idéia contida na oração iniciada por essa conjunção.

Ducrot (1984) explica sobre a estratégia de apropriação da fala do outro: em estruturas com o *mas*, podem ser incorporadas asserções atribuídas a interlocutores, a terceiros, à opinião pública, ou a uma outra face do locutor; fato este do discurso que permite uma certa isenção da responsabilidade de determinados enunciados.

Koch e Villaça (1984), ao analisar o fenômeno da polifonia, comenta que um movimento polifônico, em que há um ato ilocucionário de asserção, pode ser atribuído a um personagem diferente do locutor. Sendo assim, o locutor faz com que no interior do seu próprio enunciado outras vozes possam habitar.

Consequências imediatas advêm desse tipo de enunciado, já que a apropriação da fala de outro pode, por exemplo, promover a isenção quanto à responsabilidade do enunciado. Evitam-se, portanto, críticas imediatas, ou mesmo a nulidade do que se disse. Também é possível conseguir a credibilidade do enunciado por meio do acionamento, por exemplo, de vozes autorizadas. Assim, conclusões ou encadeamentos, presentes no contexto em que é produzido o enunciado, acabam por ter aporte argumentativo.

O enunciado *Ela é pobre, mas escreve bem* retrata, na primeira oração, a inserção de uma voz comum, representativa de um ponto de vista cultural, sob o qual “ser pobre” carrega uma conotação negativa. O segundo argumento desconsidera essa visão cultural, pois é apresentado como mais forte para sustentar, por exemplo, uma conclusão como “pode contratá-la”. A polifonia reflete, pois, uma das estratégias da linguagem amplamente utilizadas no confronto discursivo.

Entendendo as relações de adjacência

Embora a pesquisa apresentada considere, em primeiro plano, o universo intrínseco do enunciado, como proposto por Ducrot (1984), foi necessária a tentativa de avaliação da correlação das estruturas com o *mas* e suas estruturas adjacentes. O acionamento de estruturas com o *mas*, se considerado o texto como um todo, pode representar uma espécie de resgate anafórico. No bojo das estruturas com este conector, aparecem basicamente duas situações: o prosseguimento do texto pode render encadeamentos devidos ao próprio embalo interposto pelo *mas*; ou tem-se a sua presença diante de um encadeamento tido como necessário, haja vista a forma como o ponto de vista enunciativo apresentado requer complementação, ou seja, certos elementos lingüísticos podem funcionar como indicadores da maneira como está sendo tratado o assunto, e a orientação discursiva pode se tornar o foco de atenção.

A necessidade de avaliar um contexto mais amplo, considerando-se o objeto de análise em foco, gerou a necessidade de recorrência à parte da proposta de análise do *mas* presente em Schifffrin (1987). Esta autora, por exemplo, ao analisar falas em que se destaca a familiaridade entre os participantes de uma dada conversação, dirige sua atenção para o papel do *mas* e propõe dois planos: o primeiro, denominado ideacional, diz respeito às relações de contraste que o conector estabelece entre os conteúdos das proposições que compõem o discurso, considerando-se, também, nessa relação, a influência das múltiplas expectativas (pessoais, sociais, interacionais) de cada falante; o outro, o plano das ações, refere-se à atuação do *mas* ao marcar a estratégia do falante para retomar um assunto anterior, retorno que pode dar-se por vários motivos: para reparação de distrações, para indicação de desafios discursivos, entre outros, ou seja, atua para marcar como os falantes conduzem a sua fala, levando-se em conta os conflitos interacionais.

Para a autora, um dos papéis verificados no chamado plano das idéias refere-se ao processo de argumentação: explicar uma idéia, defender uma posição, consiste em um trabalho de provisão de informações, que se dá tanto no sentido referencial (marcado no conteúdo semântico das proposições), como em um enlace argumentativo, já que o falante utiliza-se de estratégias para induzir o seu interlocutor à credibilidade do que está dizendo.

Ao defender a sua posição sobre determinado assunto, o falante apresenta-a como uma conclusão preconcebida, que deverá ser sustentada perante seu interlocutor. Para tanto, lança mão de premissas denominadas, por Schifffrin, de suportes, apoiadas em experiências, cujo conteúdo gira em torno de estratégias que servem para assegurar uma dada posição. O *mas* demarca relações que orientam esse processo, ora iniciando enunciados que representam a posição, ora iniciando aqueles que representam as premissas.

Percebe-se, na proposta da autora, a intenção de distinguir um contraste que se afigura entre os conteúdos semânticos das proposições (contraste referencial) daquele que se origina de contextos em que uma proposição particular viola as expectativas dos interlocutores, estabelecida em dados como a experiência de conhecimento de mundo, a imagem do falante sobre sua relação com o ouvinte, a expansão de uma informação solicitada, entre outros. Contrastes nesse plano mais pragmático, não marcados no nível referencial, são denominados de funcionais.

Para ilustração, é selecionado o recorte abaixo, retirado do inquérito coletado pelo Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), denominado Inquérito 62, transcrito na obra *Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, Vol. II, *Diálogo entre dois informantes*. Trata-se de um turno da documentadora e contempla em seu trajeto um ato ilocutório de pedido. O enunciado grifado representa o reforço do pedido inicialmente posto, com uma função bem delimitada de estabelecer “voz” para os entrevistados. Recorrendo a Ducrot (1984), temos um locutor que põe em cena, na primeira oração, ...*é um... é um... pouquinho chato*, a fala de um enunciador que se identifica com os interlocutores (L1 e L2); na segunda oração, *mas vamos ver se dá né*, reside a fala de outro enunciador, E2, com o qual o locutor (L) assimila-se: caracteriza-se um retorno ao pedido que vinha sendo elaborado, o qual inclui a forma verbal na primeira pessoa do plural, *vamos*, o que ameniza o trabalho solicitado, já que fica incluída a pessoa da documentadora.

Doc. bom o: vocês poderiam no caso falar então de início para nós né? ... se o clima de São Paulo... que é um clima assim um pouco... ((risco)) confuso ((risos))... afeta por exemplo a vida de um dos dois... então vocês conversando gostaria que falassem assim sobre o clima... *é um ...é um ... pouquinho chato mas vamos ver se dá né* ((risos))” (INQ. 62, p. 61, L. 1-7)

Esse jogo polifônico encerra todo o ato ilocutório de pedido: reconhece-se qual seria uma das possíveis reações dos interlocutores, notadamente a rejeição do pedido. Desta forma, demonstra-se reconhecimento dessa rejeição, mas, na seqüência, expõe-se o pedido, de tal forma que se sobreponha o aceite de fazer a entrevista.

Na conversação, a elaboração de um ato ilocutório está ligada também à postura que o interlocutor vai assumindo durante o desenvolvimento do discurso: as dimensões podem ser variadas, desde estruturas do tipo sentencial até um recorte maior do que o tópico discursivo. Essa variação da estrutura lingüística, tomada pela expressão de um ato ilocutório, reflete ou explica a própria variação da dimensão dos segmentos aos quais recorreremos na análise apresentada. Portanto, o nível sentencial absorve um lastro que toma outras configurações, diferentes das tradicionalmente reconhecidas.

Não é tão diferente a situação se for avaliada a condução do texto escrito. Vale lembrar a discussão também absorvida por Koch e Villaça (1997), quando se refere à proposta inicial dos atos de fala: para que um ato de fala alcance seu objetivo, o

interlocutor deve ser capaz de captar a sua intenção; devem ser consideradas seqüências maiores ou mesmo o texto para a verificação dos atos ilocutórios, ou seja, muito do que se professa como característica da conversação também vale para o texto escrito.

Analizando estruturas adjacentes

Embora a teoria de Ducrot (1984) preveja personagens basicamente existentes no interior do enunciado, é necessário um cuidado também com os contornos textuais que ladeiam as estruturas com o *mas*. A proposta de Schiffrin (1987), embora pautada na conversação, serve, em parte, para uma conjugação com a teoria da enunciação proposta por Ducrot (1984). Com base nessa conjugação, será realizado-se uma análise dos recortes abaixo.

(A) Ganha um doce o leitor que localizar a expressão "sociedade civil organizada" e correlatas no abaixo-assinado com 304 assinaturas de cientistas brasileiros liderado pela Embrapa, reivindicando a liberação no país da tecnologia dos transgênicos e enviado a deputados e senadores na semana passada. Mais adiante veremos que tal ausência é corriqueira nos comunicados de cientistas sobre o assunto. **Mas** o que nos interessa saber agora é até quando a mídia vai deixar de interpelar os pesquisadores sobre sua responsabilidade social (para usar um termo da moda), quando se trata de novas tecnologias. Ao deter-se em aspectos técnicos e científicos envolvendo transgênicos, a mídia perde o foco. Ignora que as mais profundas causas das polêmicas nesse campo referem-se a dificuldades éticas e políticas de se lidar com os efeitos incertos das novas tecnologias.

No trecho acima, o *mas* indica um corte do fluxo informacional. Em termos textuais, pode sinalizar simplesmente quebra na linearidade, de interrupção de fluxo mesmo. Contudo, tal interrupção demonstra uma estratégia que poderia ser explicada em termos polifônicos. Os pontos de vista apresentados inicialmente retratam um saber tido como geral: o que aparentemente poderia soar como consenso gera uma expectativa negativa quando se anuncia uma preocupação a ser considerada "agora" - nesse sentido, o ponto de vista que prevalece é o de um leitor desconfiado, que almeja avaliar um dado engajamento.

O prolongamento textual demonstra que os enunciados "Ao deter-se em aspectos técnicos e científicos envolvendo transgênicos, a mídia perde o foco" e "Ignora que as mais profundas causas das polêmicas nesse campo referem-se a dificuldades éticas e políticas de se lidar com os efeitos incertos das novas tecnologias" revelam mais evidentemente

o ponto de vista que se quer assumir, e que é interposto pelo *mas*", ou seja, uma certa fragilidade da mídia.

Na seqüência, o próximo segmento:

(B) (1) A verdade é que os cientistas continuam a ser as vedetes hegemônicas do circo midiático inaugurado com os recentes debates sobre o assunto. Com seus pontos de vista subsidiaram ou influenciaram consistentemente as decisões de governo na gestão anterior. (2) Ainda é cedo para saber o lugar que os cientistas ocuparão nas decisões políticas do novo governo. (3) **Mas** é necessário alertar que a visão positivista da ciência, ancorada em forte grau de realismo, acalentada por amplos estratos da comunidade científica, tem sido bastante problematizada na esfera das Ciências Humanas, algo que aponta para uma certa esquizofrenia cultural contemporânea. (4) A imprensa é positivista, realista, provedora de "fatos"; as Humanidades, céticas sobre o que jornalistas consideram "fatos".

No recorte acima transcrito, percebe-se que o fluxo textual é costurado na vertical, de acordo com o que prevê Schiffrin: a porção (3) resgata os pontos de vista elencados na porção (1) - e, nesse sentido, percebe-se uma forma peculiar de alinhavo, que pode ser considerado anafórico. Depois de ter sido feita certa deferência, na porção (2), voltada para a manutenção da face positiva do governo atual, rapidamente a deferência é desconsiderada. A porção (4) denuncia, de forma mais ampla, no texto, o enfoque a ser dado ao comportamento do "jornalista".

O recorte abaixo revela uma estratégia própria de textos em que se garimpa a opinião do público leitor. O *mas*, neste caso, não estabelece propriamente um movimento de contraposição, já que a pergunta, apresentada num corte abrupto do fluxo informacional, revela um prolongamento do ponto de vista que vinha sendo apresentado, e, que, pelo embalo do texto, é evidentemente o sustentado. A pergunta, portanto, parece ser feita em contraposição a um procedimento, em tese, de desconsideração do ponto de vista exposto e assumido. Trata-se de uma desconsideração que precisa ser capturada, interpretada.

(C) Persistem equívocos sobre a relação entre provisão de informação e confiança nestes casos. Limites do conhecimento científico, inerentes a pesquisas na fronteira do conhecimento, evidenciam a necessidade de se considerar na agenda de governo, indústria e mídia, envolvidos em tais polêmicas, aspectos relacionados à incerteza e à ignorância científicas. **Mas** quando foi a última vez que você viu os cientistas ligados a transgênicos admitirem sua

ignorância diante de um jornalista?

Estabelece-se, no segmento abaixo, um claro movimento de contraposição, em que o confronto ocorre entre o meio acadêmico e o mundo político.

(D) (1) Estudos multidisciplinares acadêmicos têm se revelado a melhor alternativa para tratar de polêmicas envolvendo riscos tecnológicos, como aqueles representados pelos transgênicos. (2) *Mas* os círculos políticos responsáveis pela regulamentação são pouco sensíveis a estas investigações. (3) Por outro lado, indústria e governos, e seus respectivos departamentos de comunicação, com suas políticas de informação de mão única e extremamente assertivas, simplesmente não sabem como tratar de incerteza e ignorância científicas junto a seus públicos.

Parece que o *mas* apresenta uma ressalva que quebra a expectativa de um suposto enunciador que creditaria aos meios políticos a consideração dos estudos multidisciplinares acadêmicos. A ressalva é reforçada pela porção (3), na qual fica bem delimitada a fragilidade da indústria, do governo e da imprensa a eles atrelada. Portanto, vê-se que há consequências em efeito dominó, diante do arranjo textual criado pelo *mas*.

Quando se tomam recortes textuais para análise, surgem fatos que apenas são hipóteses se considerado um enunciado isolado. Os recortes aqui apresentados servem para que se verifique a eficácia da teoria enunciativa de Ducrot e a viabilidade de sua extensão para encadeamentos de fato existentes, no interior de um determinado texto. As relações de contraste que o *mas* provoca podem render um novo encaminhamento aos conteúdos das proposições que compõem o discurso, se considerada a influência das múltiplas expectativas lançadas.

O processo de argumentação pode requerer do produtor do texto a composição de cenários que devem ser bem demarcados, e as estratégias devem servir basicamente para induzir à credibilidade dos pontos de vista assumidos. Nos recortes analisados, o *mas* é um demarcador de diretivas que são apresentadas para que sejam assegurados propósitos argumentativos, haja vista iniciar um ponto de vista com o qual o locutor se assimila. Os enunciados adjacentes têm a função de servir de ancoradouro para garantir a assimilação.

No recorte (A), o *mas* representa a delimitação de fronteiras interpostas no trajeto da interlocução traçada para o texto: encenam-se enunciadores, cujo ponto de vista deve ser considerado. Nesse sentido, as porções textuais entrelaçadas para este objetivo dão suporte para que o arranjo textual ganhe desempenho argumentativo.

No recorte (B), vale ressaltar que o *mas*, em termos enunciativos, indica um alerta diretamente endereçado ao interlocutor, e no sentido de desconsiderar argumentos que poderiam negligenciar a proposta de apelo em pauta, ou mesmo apresentar a cobrança de uma postura do interlocutor, ou seja, a porção iniciada pelo *mas* ressalta que uma dada avaliação precisa ser considerada.

Em (C), novamente o *mas* delimita fronteiras interlocutivas verificadas no tecido do texto, pois demarca uma avaliação bem definida do locutor (este assimila-se ao ponto de vista de enunciador que não concorda com as atitudes do governo). Essa cena de enunciadores só é percebida se verificado o contorno dado pelos enunciados presentes no recorte em pauta.

Comentários finais

O exercício de análise das funções do *mas* em recortes de texto de teor opinativo sempre rende uma explicação das variáveis de ocorrência, as quais não se separam propriamente do valor adversativo inerente a este conector. É evidente que há estratégias delineadas tanto para conflitos interacionais como para a própria tessitura do texto. O termo enunciado, apontado por Ducrot (1984), oferece liberdade para referenciar os recortes nos quais o *mas* atua: no domínio da organização textual-interativa, no desenvolvimento do fluxo textual, acena para a orientação argumentativa dos enunciados lingüísticos, na confluência entre as estruturas vizinhas, na manifestação da polifonia de vozes ao longo da interação.

No caso de texto com teor opinativo, cuja construção dá-se com evidente apelo a um determinado ponto de vista, a condução do assunto tem suas consequências. Não se deve perder de vista que o percurso textual pode, também, revelar intenções discursivas.

Portanto, o elenco temático, afinado com questões geralmente polêmicas, pode demandar certo cuidado com o arranjo dos argumentos. Quando se pensa no uso do *mas*, percebe-se que operar argumentativamente sugere demarcação na tessitura textual: além do valor adversativo, funções outras são acionadas, e variam desde um movimento polifônico até o trajeto do planejamento textual e elaboração de contra-argumentos.

O certo é que o movimento estabelecido pelo *mas* recobre uma estratégia viável para momentos de contornos enunciativos. Seria muito mais prejudicial à interação provocada pelo texto se a posição do locutor fosse dada sem, por exemplo, o exercício da concessão, fato inerente aos enunciados com o *mas*, expostos para

consideração de um ponto de vista (embora se trate de uma consideração em termos retóricos).

Maingueneau (1989) frisa uma questão sobre as estruturas com o *mas*, muito comum na conversação diária. Além da situação em que venha implícita, é possível que a conclusão apareça claramente expressa, ficando implícito, por outro lado, o argumento. Como a ausência do argumento torna difícil uma interpretação exata, é freqüente a explicação desse argumento na seqüência do enunciado. O autor ilustra esse caso com o exemplo “Ele é gaulista (argumento) mas é possível confiar nele (conclusão não-r); ele é honesto (argumento implícito).

O que se apresentou neste trabalho é uma ampliação da proposição acima: em um texto, é possível verificar o monitoramento do argumento/conclusão como também de outros tipos de encadeamentos, notadamente os que asseguram o argumento interposto pelo *mas*.

Parece claro que a língua estabelece regras de uso dos mecanismos lingüísticos: talvez a mais evidente

seja a de apresentar as palavras como induzindo imediatamente a uma transformação jurídica da situação, ato de fala denominado por Ducrot de ilocutório.

Referências

- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1984.
GUIMARÃES, E. (Org.). *Texto e argumentação - um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.
KOCH, I.; VILLAÇA, G.. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
KOCH, I.; VILLAÇA, G. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.
MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
SCHIFFRIN, D. *Discourses markers*. New York: Cambridge University Press, 1987.

Received on September 21, 2006.

Accepted on December 14, 2006.